

**A ÉTICA DO HISTORIADOR A LUZ DE QUESTÕES TRAUMÁTICAS
E SENSÍVEIS: uma breve reflexão**
**THE ETHICS OF THE HISTORIAN IN THE LIGHT OF TRAUMATIC
AND SENSITIVE ISSUES: a brief reflection**

Anabele Cristine Lisboa Santos ¹
Lucas Matheus Araujo Bicalho ²

RESUMO: A breve reflexão a seguir tem como objetivo pensar sobre o papel do historiador e o compromisso ético do seu ofício. Para tanto, é necessário construir um panorama geral em torno do próprio fazer historiográfico, parafraseando de Certeau: o que fabricaria um historiador? E como essa prática se relaciona à responsabilidade social? Faz parte da pesquisa histórica o trabalho direto com tudo aquilo que é produzido pelos seres humanos, permitindo acesso à compreensão de significados das suas ações do passado e do presente. As fontes históricas são fundamentais nesse processo. Uma das abordagens relevantes de análise é o estudo de caso, no qual daremos maior ênfase neste trabalho. Para sustentar teoricamente as discussões, serão utilizados: Michel de Certeau, com a obra “A operação Historiográfica” e Carlo Ginzburg com “*Unus testis: o extermínio dos judeus e o princípio da realidade*”.

Palavras-chave: Ética. Estudo de caso. Historiador

ABSTRACT: The following brief reflection aims to think about the role of the historian and the ethical commitment of his craft. To this end, it is necessary to build a general panorama around historiographical practice itself, paraphrasing Certeau: what would a historian fabricate? And how does this practice relate to social responsibility? It is part of historical research to work directly with everything that is produced by human beings, allowing access to the understanding of the meanings of their past and present actions. Historical sources are fundamental in this process. One of the relevant approaches to analysis is the case study, in which we will give greater emphasis in this work. To theoretically support the discussions, the following will be used: Michel de Certeau, with the work "The Historiographical Operation" and Carlo Ginzburg with "Unus testis: the extermination of the Jews and the principle of reality".

Keywords: Ethics. Historian. Case study.

INTRODUÇÃO

O trabalho do historiador passou por diversas modificações ao longo do século XX, primeiramente por ampliar a área de estudos de investigação, tanto por adotar metodologias específicas de pesquisa. Essas mudanças inferem, por exemplo, no envolvimento com as

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: anabelecristinel@gmail.com

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: bicalholucas7@gmail.com

fontes, além de ampliar o campo de possibilidades destas: como fonte literária, entrevistas, levantamento de dados quantitativos em determinados espaços, como o próprio estudo de caso, que é o que nos interessa nesta reflexão. O objeto de pesquisa, a partir desse momento, tem uma relação direta com o pesquisador. Segundo Certeau (1982) ao dissertar sobre a “Operação historiográfica” põe em questão as funções do pesquisador e a relação com a historiografia, pensando o campo teórico-metodológico como possibilidade para construir sentido em torno de determinado acontecimento ou artefato, entendendo que este por si só não carrega um sentido intrínseco, a função de dar voz ao não-dito. Considerado por muitos historiadores um dos maiores teóricos da História Cultural e História do Cotidiano, Michel de Certeau apresenta grandes contribuições para o conhecimento histórico, não apenas pela sua elaboração de teorias ligadas ao estudo da marginalização dos indivíduos e práticas do cotidiano, como também as reflexões sobre o ofício do historiador, seus limites e possibilidades, pensadas a partir da construção e escrita das narrativas históricas.

A pesquisa historiográfica e a construção de narrativas, parte de um pressuposto muito relevante que é a responsabilidade social, e o próprio envolvimento de interesses, agregando características muito específicas do “lugar social” (CERTEAU, 1982, p.) do qual ocupa o historiador. É dentro dessa perspectiva que a metodologia empregada e até mesmo a seleção das fontes que serão pesquisadas fazem parte desses desejos e interesses circundantes ao trabalho historiográfico. Esse caminho construído até aqui, dentro do que foi proposto refletir neste trabalho, tem como objetivo tensionar sobre o lugar ocupado pelo historiador, dando ênfase aos compromissos metodológicos e teóricos referentes à produção das narrativas históricas. A “Operação historiográfica” de Certeau (1982) é de suma importância para entender esse percurso, em que o autor divide a combinação do processo de escrita a um lugar social, as práticas científicas (os métodos) e por fim, de uma escrita.

PROBLEMÁTICA DE PESQUISA E FUNDAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICO

É nesse sentido que, ao pensar uma metodologia relacionada ao estudo de caso, e aqui, especificamente, como exemplo pode ser pensado: o estudo de caso em uma sala de

aula³ em torno da violência. Quais seriam os limites e as possibilidades dessa metodologia? Considerando o trabalho ético e de responsabilidade do pesquisador, quais serão os compromissos que este terá de vestir-se? Para além dos métodos regentes deste ofício, ao lidar com questões sensíveis e traumáticas (tanto do tempo presente como do passado) quais os cuidados?

O estudo de caso tornou-se parte dos métodos da historiografia a partir de um entrelace com a área das ciências sociais, apresentando-se como um meio de estudar determinadas comunidades e grupos. Em sua obra “Métodos de pesquisas em ciências sociais” (1999), o sociólogo Howard Saul Becker, define esta metodologia nos quais os objetivos são pautados em não “[...] ver, descrever e descobrir a relevância teórica de tudo [...]” (BECKER, 1999, p.119), uma vez que ao estudar determinados grupos, problemas e questões diversas aparecerão, incluindo individualidades. Assim, ainda que a proposta de estudo de caso leve em conta o coletivo, enfoques deverão ser feitos, recortados e selecionados. Como supracitado, o exemplo utilizado aqui nesta reflexão, parte de um projeto em uma sala de aula, cuja culminação será um estudo de caso. As temáticas abordadas terão como enfoque as relações de gênero e étnico raciais tensionadas a partir de uma obra literária do século XVIII: “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis. O ponto chave desse projeto é criar pontes de discussão entre a sociedade presente na narrativa de Maria Firmina dos Reis com a do tempo presente. Existem continuidades? Ou rupturas?

Para que essa metodologia seja ainda mais alinhada à postura ética da pesquisa, a História oral não aparecerá como aliada, visto que os estudantes envolvidos teriam de passar por um processo burocrático ainda maior, por não serem maiores de idade. Pensando nisso, ainda que os pais terão que permitir a participação dos estudantes na pesquisa, uma atividade escrita será desenvolvida ao longo dos encontros. E, a partir disso, o estudo será realizado. É importante salientar o jogo de práticas envolvidas no momento, incluindo a forma como os estudantes se comportam frente às propostas, a aceitação ou não de uma metodologia diferente daquela experienciada na escola no dia-a-dia, já que um dos fundamentos será de torná-los protagonistas do momento. Em contrapartida, ainda que a

³Este trabalho constitui um recorte da dissertação desenvolvida por Anabele Lisboa. A metodologia adotada será um estudo de caso realizado na Escola Estadual Plínio Ribeiro, com a participação de alunos e professores. As temáticas abordadas e analisadas serão relacionadas à violência de gênero e étnico-racial.

proposta inicial leve em consideração duas temáticas, outros assuntos, anseios e experiências poderão aparecer. Pode ser pensado como exemplo: a exploração da sociedade escravista do século XVIII e a coisificação do negro na sociedade, articulando ao racismo e a condições da população negra atualmente no Brasil. Como um estudante negro pode afetar e ser afetado com essa problemática? Um dos cuidados desse momento deverá ser o de acolhimento frente às narrativas que serão construídas. Ou ainda, como a subordinação feminina e a violência aparece em “Úrsula”, mas ainda diz muito sobre o papel das mulheres na sociedade do século XXI? Como as experiências das alunas serão recebidas?

Ainda em consonância com Becker (1999), ao trabalhar com o estudo de caso, um dos compromissos éticos do pesquisador é entender que algumas expectativas e interesses principais do que se propõe na pesquisa não serão certamente atendidos. Ainda assim, a importância desse tipo de metodologia encontra-se em preparar o investigador para uma potencialidade de eventuais acontecimentos não esperados, exigindo “que ele reoriente seu estudo à luz de tais desenvolvimentos” (BECKER, 1999, p. 119).

A obra “*Unus testis: o extermínio dos judeus e o princípio da realidade*” escrito por Carlo Ginzburg tem por objetivo trazer alguns conflitos até o extermínio dos judeus, tecendo algumas similaridades entre acontecimentos antecedentes a esse período, mas supondo e apresentando “provas” de que são interligados. Antes de abordar essa obra, é importante deixar claro que não há nenhum questionamento em torno da veracidade do holocausto como acontecimento e tudo no qual os judeus foram submetidos. O autor Carlo Ginzburg é considerado por muitos historiadores um dos mais emblemáticos do século XX. Suas contribuições para a historiografia são inquestionáveis, sobretudo após a publicação da sua obra “O queijo e os vermes” (1976), dando ênfase a uma abordagem metodológica denominada de micro-história. Nascido em Turim, filho de Natalia Ginzburg e Leone Ginzburg, uma família judia, em entrevista a “Revista Internacional do pensamento e cultura contemporânea: Electra” (2020), Ginzburg relatou ter 5 anos de idade, quando viveu as primeiras perseguições do regime facista e anti-semita, juntamente com toda a sua família. O ponto fulcral dessa obra, inclusive é a justificativa por ter sido escolhida para este trabalho encontra-se exatamente na tônica de uma buscante necessidade de encontrar uma verdade absoluta no passado judeu, através de Ginzburg. O paper, apresentado no congresso *The Extermination of the Jews and the Limits of Representation*, realizado em Los Angeles,

1990, inicia-se falando sobre um extermínio de uma comunidade judaica ocorrido na França do século XIV. Para ele, este momento representou a abertura de violências contra esse povo.

No dia 16 de maio de 1348, a comunidade judaica de La Baume, uma pequena aldeia provençal, foi exterminada. Esse acontecimento é apenas um elo de uma longa cadeia de violências ocorridas na França meridional em decorrência da eclosão da Peste Negra, em abril do mesmo ano. A hostilidade contra os judeus, que muitos consideravam culpados por ter propagado a Peste jogando veneno nos poços, nas fontes e nos rios, se havia cristalizado pela primeira vez em Toulon, durante a Semana Santa (GUINZBURG, Carlo, 2007, p. 210).

Em alguns relatos, ligados sobretudo à culpabilização dos judeus das pestes, envenenamento dos rios com doenças, a comunidade judaica era sujeitada a diversos tipos de violência, assaltos e massacres. O encadeamento das perseguições foram sendo arrastadas para diversas províncias, onde pessoas eram aniquiladas. Segundo Ginzburg, essa ideia anti semita espalhou-se para “Riez, Digne, Manosque, Forcalquier. Em La Baume só houve um homem que dez dias antes tinha partido para Avignon, convocado pela rainha Joana” (GINZBURG, 2007, p.210). Será sobre o sobrevivente de La Baume, no qual não estava na província no dia do massacre, que iremos dissertar. O nome do sobrevivente foi identificado posteriormente, cujo nome seria Dayas Quinoni, no qual escreveu uma “comovida recordação” (GINZBURG, 2007, p. 211) sobre o acontecimento. Aqui, vale destacar: ao analisar e buscar essa verdade no passado judeu por Ginzburg, não estaria ele preocupado em questionar como um sobrevivente (que não estava presente no acontecimento) poderia descrever como este aconteceu? A ideia de Carlo Ginzburg em remontar onde começou a culpabilização dos judeus apresenta um complexo que pode ser entendido em uma tentativa, através de casos isolados com recortes especificamente selecionados por ele, como forma de dimensionar e sustentar uma narrativa histórica sobre a construção do imaginário, conseqüentemente fundante dos estigmas sobre a população judaica ao longo de toda a história. Por ser de família judaica, a justificativa por essa incessante busca no passado, ganha um sentido ainda maior. Em 1321, um boato foi espalhado de que os judeus haviam feito uma conspiração contra os cristãos. A narrativa não é muito clara, não se sabe exatamente quem formava esse grupo responsabilizado pela conspiração, junto dos judeus estavam os leprosos e reis mulçumanos. A partir da crônica

de Guilherme de Nangis é que Ginzburg (1982) tenta chegar a uma verdade sobre esse acontecimento. Flávio Josefo é o outro autor com quem ele tenta interpretar, sob a luz dos seus trechos sobre “A guerra dos judeus”.

Novamente pensando sobre a postura do autor nesse emaranhado de relatos, Ginzburg (1982) encontra similaridades nos dois escritos sobre um Cerco de Massada, tanto de Flávio Josefo quanto de Guilherme de Nangis. Inclusive, o primeiro conta ser sobrevivente do massacre. Na mesma página do paper, o autor reitera que na tradição judaica são necessárias pelo menos duas testemunhas de um fato, para que a justiça investigue. Segundo ele, “nenhum historiador sensato repeliria esses testemunhos definindo-os como intrinsecamente inaceitáveis”. A historiografia, segundo ele, juntamente com a área judicial, nem sempre irão convergir. Sabe-se que a história de vida do autor pode ter sido fortemente influenciável nessa busca por esse passado. Não que as fontes e suposições apresentadas não tragam relevantes informações, todo artefato do passado pode sim ser analisado pelo historiador. Diferentemente de desconsiderar os trechos, as crônicas e os autores estudados por Ginzburg, a questão está em questionar como esses acontecimentos ocorridos individualmente podem servir como arcabouço para explicitar todo um processo histórico que envolve uma comunidade judaica.

Outra inquietação ao que diz respeito a essa produção “*Unus testis: o extermínio dos judeus e o princípio da realidade*” é uma afirmação do autor de que deveria haver um consenso da humanidade sobre o holocausto judeu, como se esse evento fosse algo a ser lembrado por todos os indivíduos, dando um lugar de destaque para esse fato. O que leva a um questionamento sobre: há uma hierarquia entre extermínios de povos e comunidades? É possível haver uma comparação? Ao longo da história da humanidade diversas culturas e povos foram exterminados, assim como a população judaica. Novamente, Ginzburg em sua narrativa tenta construir uma verdade absoluta em um passado cuja verdade deverá ser reconhecida por todos. Para além, pensando em Certeau de que a produção historiográfica está diretamente ligada a um lugar social de quem escreve, em segundo ponto defendido por ele mesmo, estão os métodos, não desconsiderando uma subjetividade da pesquisa, mas dando alguns fundamentos ao que se é pesquisado, sobretudo o seu objeto de estudo. Ao tratar de questões traumáticas e sensíveis, o olhar do pesquisador deve ser ainda mais despido de pré suposições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando um entrelace entre as questões levantadas na escrita de Ginzburg e pensando no estudo de caso, especificamente desenvolvido em um ambiente escolar, alguns pontos podem ser considerados. O primeiro é o de que em contextos nos quais o historiador é afetado pelo seu objeto ou sujeitos estudados, há de se pensar quais os compromissos e responsabilidades este tem com a sociedade? Fernando Nicolazzi (2019)⁴, sugere ainda um quarto ponto não descrito por Certeau na escrita da história, este sugere o ponto final sendo a recepção, o leitor, aquele quem terá acesso ao que se produz. O quarto ponto, pensado por Nicolazzi (2019), sugere que a recepção é vista como uma etapa crucial do processo historiográfico, em que o sentido da história deixa de ser algo estritamente ligado ao ambiente acadêmico, muito pelo contrário é um processo ativo de reinterpretação e ressignificação pelo meio social. Isso envolve como o público lê, compreende e incorpora a história em seu contexto pessoal, social e cultural, criando novas perspectivas e sentidos para o passado. Frente a um estudo de caso, torna-se latente considerar que os rumos da pesquisa, serão definidos pelas “respostas” percebidas dentro da análise e não do que se esperava encontrar, diferentemente de ter hipóteses. A ideia de projeção dos seus objetivos da pesquisa em torno das suas fontes não faz parte de um trabalho que levou em conta as metodologias e as práticas científicas necessárias, tampouco corresponde ao que se espera deste ofício, sobretudo pela sociedade.

Finalmente, vale ressaltar que esta reflexão não pode ser lida como um trabalho de cunho revisionista, como supracitado não há o que se questionar sobre todo o passado traumático no qual a comunidade judaica está envolvida. Outra ressalva é a de que todas menções feitas sobre práticas e métodos científicos também não é uma tentativa de retomar princípios do século XIX sobre a Escola Positivista, o que se defende não é a objetividade do pesquisador, tampouco a classificação do que se pode ser considerado fonte histórica. Ademais, todo o levantamento feito, parte de uma inquietação sobre a ética do historiador frente às suas fontes, sobretudo aquelas que dizem respeito a algo de envolvimento pessoal,

⁴ NICOLAZZI, Fernando. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública, 2019.



por exemplo. Ou ainda trabalhos que deverão levar em conta realidades de sujeitos muito diversos, como o estudo de caso dentro do ambiente escolar, pensado aqui.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. Métodos de pesquisa em ciências sociais. Tradução: Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo. Editora Hucitec, 1993.

CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Rio de Janeiro. Forense-Universitária, 1982.

GINZBURG, Carlo. **UNUS TESTIS**: o extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUERREIRO, Antônio. Electra, 2020. **CARLO GINZBURG**: O historiador como detective.

NICOLAZZI, Fernando. **OS HISTORIADORES E SEUS PÚBLICOS**: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 203-222, 2019;

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis. Ed. Mulheres. Belo Horizonte. PUC Minas, 2004.

SCOTT, J. **GÊNERO**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. Porto Alegre, 16(2), p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, José Nascimento. **MARIA FIRMINA**: Fragmentos de uma vida. 1975.